

DOI: 10.35621/23587490.v11.n1.p977-990

RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIIS EM IDOSOS - REVISÃO DE LITERATURA

RISKS OF SELF-MEDICATION OF NON-STEROIDAL ANTI-INFLAMMATORY DRUGS IN ELDERLY PEOPLE - LITERATURE REVIEW

José Matheus Mota Damasceno¹
José Guilherme Ferreira Marques Galvão²
Íris Costa de Sá Lima³
Rafaela de Oliveira Nóbrega⁴

RESUMO: Introdução: A automedicação ou uso de medicamentos sem prescrição, sem orientação e conhecimento (de forma irracional) vem colaborando para os riscos de intoxicação ou outras reações que agravem a saúde do idoso, principalmente quando o mesmo começa a consumir mais de um medicamento ao mesmo tempo. No Brasil, os anti-inflamatórios mais utilizados, por não necessitarem de receita médica, ou seja, medicamentos isentos de prescrição (MIPs), são: nimesulida, ibuprofeno, ácido acetilsalicílico, naproxeno, cetoprofeno, meloxicam, piroxicam e diclofenato. **Objetivos:** Descrever os riscos associados ao uso indiscriminado dos anti-inflamatórios não esteroidais por idosos. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura descritiva, de caráter exploratória, com abordagem qualitativa. Para realização da pesquisa foram utilizados os descritores “Automedicação”, “Idoso” e “Anti-Inflamatórios não Esteroides” para buscas nas bases de dados National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O período de busca dos artigos nas bases de dados foi de 2014 a 2024, de livre acesso e com o texto completo disponível na íntegra. Foram excluídos os artigos de revisões de literatura do tipo narrativas e integrativas, teses, dissertações, artigos de opinião e livros. **Resultados:** Muitos idosos utilizam medicamentos sem orientação profissional entre sete e quinze dias. Alguns dos principais motivos para essa prática incluem dores musculares, articulares, gripes, resfriados, azia, cólica abdominal, diarreia e problemas gastrointestinais. **Conclusão:** Os anti-inflamatórios não esteroides estão entre os medicamentos mais utilizados por idosos, isso ocorre devido

¹ Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM.

² Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM.

³ Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM.

⁴ Docente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Santa Maria - UNIFSM.

a venda livre (não necessitando de uma prescrição de um profissional de saúde) aumentando o risco de acarretar reações adversas.

Palavras-chave: Automedicação. Idoso. Anti-Inflamatórios não Esteroides.

ABSTRACT: Introduction: *Self-medication or the use of medicines without a prescription, without guidance or knowledge (irrationally) has contributed to the risk of intoxication or other reactions that aggravate the health of the elderly, especially when they start taking more than one medicine at the same time. In Brazil, the most commonly used anti-inflammatory drugs do not require a prescription, i.e. non-prescription drugs (PIMs): nimesulide, ibuprofen, acetylsalicylic acid, naproxen, ketoprofen, meloxicam, piroxicam and diclofenate. Objectives:* To describe the risks associated with the indiscriminate use of non-steroidal anti-inflammatory drugs by the elderly. **Methodology:** *This is a descriptive, exploratory literature review with a qualitative approach. The descriptors “Self-medication”, “Elderly” and “Non-Steroidal Anti-Inflammatory Drugs” were used to search the National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed) and Virtual Health Library (VHL) databases. The search period for articles in the databases was from 2014 to 2024, with free access and full text available. Narrative and integrative literature reviews, theses, dissertations, opinion articles and books were excluded. Results:* Many elderly people use medication without professional advice for between seven and fifteen days. Some of the main reasons for this practice include muscle and joint pain, colds, flu, heartburn, abdominal cramps, diarrhea and gastrointestinal problems. **Conclusion:** *Non-steroidal anti-inflammatory drugs are among the drugs most commonly used by the elderly, due to the fact that they are sold over-the-counter (without the need for a prescription from a health professional), increasing the risk of adverse reactions.*

Keywords: *Self medication. Aged. Anti-Inflammatory Agents. Non-Steroidal.*

1 INTRODUÇÃO

Com o aumento da expectativa de vida, graças à evolução da medicina com tratamentos preventivos, o número de idosos vem crescendo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em média 25,5% da população brasileira, até o ano de 2060, terá cerca de 60 anos ou mais, esse fato pode implicar em haver uma super lotação em hospitais, inclusive na ocupação de leitos, quando comparado com as outras idades. No entanto, se faz necessário um acompanhamento mais minucioso, realizações de exames periódicos, por motivos de que essa população tende a ter um número maior de problemas cardiovasculares, pele, respiratório, muscular e digestivo devido ao processo de envelhecimento, correspondendo a uma média de 66,3%, em função dessa consequência, o consumo de medicamentos aumenta nessa faixa etária, cerca de 70 a 90% dessa população faz uso contínuo de medicamentos, com consumo médio de 2 a 5 medicamentos (DE OLIVEIRA JUNIOR; UHLMANN, 2021).

A automedicação, ou uso de medicamentos sem prescrição, sem orientação e conhecimento (de forma irracional), vem colaborando para os riscos de intoxicação ou outras reações que agravem a saúde do idoso, principalmente quando o mesmo começa a consumir mais de um medicamento ao mesmo tempo; por exemplo, as possíveis reações adversas quando um idoso toma dois medicamentos ao mesmo tempo são de aproximadamente 13%, se o mesmo chega a consumir 5 medicamentos no mesmo intervalo de tempo, os riscos aumentam para 58%, no consumo de 7 ou mais medicamentos sobe para 82%. Cerca de 15% dos idosos internados por reações adversas medicamentosas são causadas pelo consumo simultâneo de medicamentos; conforme aumente o número de medicamentos, os riscos também vão aumentando. Com isso, é imprescindível a assistência de profissionais da área da saúde para idosos, essencialmente em órgãos públicos (SANCHEZ *et al.*, 2021; LIMA *et al.*, 2016).

Os medicamentos têm função de prevenir, reduzir sintomas e neutralizar/combater inúmeras doenças trazendo benefícios para a saúde das pessoas. Um dos medicamentos mais prescritos e vendidos no mundo são os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), sendo utilizados em tratamentos de dores causadas por processos inflamatórios (moderadas, agudas e crônicas), pois dispõem de efeitos anti-inflamatório, analgésico e antipirético, bloqueando enzimas ciclo-oxigenases (COX), sendo essas enzimas responsáveis pela síntese dos tromboxanos e prostaglandinas (mediadores do processo inflamatório), impedindo que ocorra a inflamação (GUEDES; CARVALHO; DE ANDRADE, 2023).

No Brasil, os anti-inflamatórios mais utilizados, por não necessitarem de receita médica, ou seja, medicamentos isentos de prescrição (MIPs), são: nimesulida, ibuprofeno, ácido acetilsalicílico, naproxeno, cetoprofeno, meloxicam, piroxicam e diclofenato. Além desses fármacos, ainda tem os coxibes, que são vendidos apenas com receita médica, por apresentarem efeitos adversos mais graves (por exemplo: infarto agudo do miocárdio) e serem seletivos. Podem se destacar também os AINES atípicos, considerados antipiréticos e analgésicos comuns, no entanto, com menor potencial de diminuição da inflamação, sendo eles: dipirona e paracetamol (SALES; LACERDA, 2017).

Por esse motivo, torna-se necessário o conhecimento sobre os AINEs, relacionando suas características, interações medicamentosas, efeitos colaterais, indicação e alerta sobre o uso indiscriminado, quando se fala nesse medicamento para idosos. Desse modo, esse estudo tem como objetivo descrever os riscos associados ao uso indiscriminado dos anti-inflamatórios não esteroidais por idosos.

3 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura, descritiva, de caráter exploratória, abordagem qualitativa, que vai dispor sobre os riscos da automedicação em idosos.

Para o levantamento bibliográfico, foi realizada uma busca avançada dos artigos nas bases de dados US National Library of Medicine National Institutes of Health

(PubMed) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores nos idiomas português e inglês, “Automedicação (Self Medication)” e “Idoso (Aged)” e “Anti-Inflamatórios não Esteroides (Anti-Inflammatory Agents, Non-Steroidal)”, com o operador booleano “AND”. Os descritores foram extraídos do vocabulário: Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH). O período de busca dos artigos nas bases de dados foi de 2014 a 2024 (últimos 10 anos).

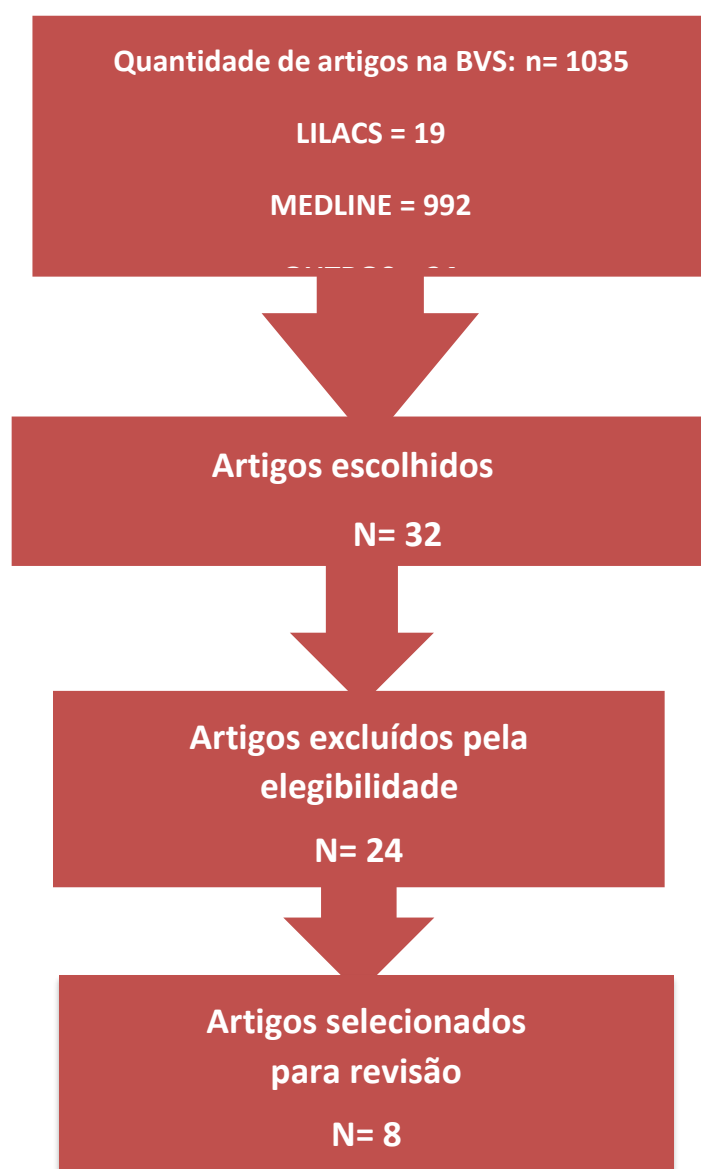
A seleção dos artigos foi coordenada em duas fases: a primeira etapa consistirá na leitura exploratória dos títulos e dos resumos, enquanto o próximo passo será na análise qualitativa do conteúdo dos estudos em sua íntegra.

Os critérios de inclusão preconizados foram revisões sistemáticas, estudos *in vitro* e *in vivo*, assim como relatos de caso, nos idiomas português e inglês, publicados entre os anos de 2014 e 2024, de livre acesso, e com o texto completo disponível na íntegra. Foram excluídos os artigos de revisões de literatura do tipo narrativas e integrativas, teses, dissertações, artigos de opinião e livros.

Durante a pesquisa, foram encontrados 1.035 artigos; ao filtrar, de acordo com os critérios de inclusão, exclusão, leitura dos títulos, leitura dos resumos, leitura total dos artigos, apenas 8 estudos foram selecionados nessa revisão.

Os dados foram escolhidos conforme apresentados na figura 01. Em seguida, analisados conforme os passos metodológicos, os resultados estão descritos no quadro 01 e discutidos conforme a literatura pertinente.

Figura 1. Fluxograma dos artigos selecionados.



Fonte: Autores, 2024.

4 RESULTADOS

De acordo com os critérios de elegibilidade, foram encontrados 1035 artigos no LILACS, MEDLINE, IBECs, dentre outros. Com os estudos apanhados, 32 deles, diante do tema, foram selecionados. Durante o processo de revisão de cada estudo, verificação dos critérios de inclusão, exclusão, leitura dos títulos, leitura dos resumos, leitura total dos artigos, apenas 8 estudos foram selecionados nessa revisão. Os dados foram selecionados conforme apresentado no Quadro 1, e os resultados foram descritos e discutidos conforme a literatura pertinente.

Quadro 1. Resultados da pesquisa sobre o tema riscos da automedicação de anti-inflamatórios não esteroidais em idosos.

	Título	Autor/Ano	Tipo de estudo	Resultados encontrados
1-	Medicamentos anti-inflamatórios não esteroides (AINEs): uso e coprescrição com outros medicamentos potencialmente interativos em idosos: um estudo transversal	Abdu <i>et al.</i> , 2020.	Trata-se de um estudo transversal analítico.	Um total de 285 entrevistados foi inscrito no estudo, com proporção semelhante de homens para mulheres. Um em cada quatro entrevistados era usuário crônico de AINEs, e a prática de risco de AINEs foi relatada em 24%. O uso crônico de AINEs, sem agentes gastroprotetores profiláticos, automedicação, polifarmácia e interações medicamentosas, foi o principal problema identificado. Um total de 322 interações potenciais, em 205 pacientes, foi identificada, das quais 97,2% foram classificadas como moderadas, 0,6% graves e o restante foi leve. Aqueles que se envolveram em automedicação eram mais propensos a serem expostos a interações medicamentosas.

<p>2-</p>	<p>Uso de analgésicos e risco de automedicação em amostra populacional urbana: estudo transversal</p>	<p>Barros <i>et al.</i>, 2020.</p>	<p>Trata-se de um estudo observacional transversal com amostra população urbana.</p>	<p>Foram incluídos 416 indivíduos; 45,7% (n = 190) portadores de dor crônica, sendo do sexo feminino (72,3%; $p = 0,04$) os mais acometidos. A automedicação analgésica é praticada por 78,4% dos portadores de dor crônica. O tratamento analgésico mais frequente é composto por anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), dipirona e paracetamol. Os opioides fracos são pouco usados, e apenas 2,6% dos indivíduos com dor crônica fazem uso desses analgésicos. Nenhum dos indivíduos estava em uso de opioides potentes.</p>
<p>3-</p>	<p>O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática</p>	<p>Ferreira <i>et al.</i>, 2021.</p>	<p>Trata-se de uma revisão sistemática, seguindo os critérios preferidos reporting items for systematic reviews and meta-analyses (Prisma).</p>	<p>Neste estudo, a prevalência da automedicação foi vista no público feminino com 64%, com idade acima de 60 anos, seguida por pessoas casadas com 51,6%, com nível escolar fundamental completo 53,8%, possuindo renda de até três salários mínimos 46%. Os medicamentos analgésicos/antitérmicos representaram 50% do uso, seguido por 35% de anti-inflamatórios não esteroidais, 4% antibacterianos de uso sistêmico, e 4% dos medicamentos antigripais. Entre os fatores da automedicação, os receituários antigos representam 13% das compras dos medicamentos, seguida por experiência anterior com o medicamento 12%, venda realizada no balcão da farmácia 12%, indicação da família 10%, entre outras causas.</p>
<p>4-</p>	<p>Prescrição de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos: comparação entre prestadores de serviços em saúde</p>	<p>Silvestre <i>et al.</i>, 2019.</p>	<p>Trata-se de uma análise documental, quantitativa, utilizando dois bancos de dados, obtidos a partir de pesquisas realizadas no mesmo município.</p>	<p>Os resultados mostram diferenças significativas do uso de medicamentos e polimedicação entre os usuários dos dois prestadores de serviço. Além disso, houve diferenças estatisticamente significantes entre o prestador de serviço, sendo que usuários do SUS utilizam mais anti-inflamatórios não esteroidais ($p=0,01$), sulfonilureias de longa duração ($p=0,02$) e nifedipino ($p=0,01$), e o usuário do plano de Saúde Suplementar utiliza mais relaxantes musculoesqueléticos ($p=0,01$), estrogênio ($p=0,01$), amiodarona ($p=0,01$) e doxazosina ($p=0,01$).</p>

				enquanto potencialmente inapropriados para idosos.
5-	Automedicação em usuários da Atenção Primária à Saúde: motivadores e fatores associados	Ramires <i>et al.</i> , 2022.	Estudo transversal realizado de maio a agosto de 2019.	A amostra foi de 1.365 usuários, com prevalência do desfecho de 55% (IC 95%: 53-58), sendo esta maior em mulheres (RP=1,33; IC 95%: 1,17-1,52), adultos (RP=1,27; IC 95%: 1,14-1,41) e naqueles com 12 anos ou mais de estudo (RP=1,22; IC 95%: 1,09-1,37). Os principais motivadores foram dor (89%), gripe, resfriado e dor de garganta (18,9%) e febre (6,9%).
6-	Automedicação no adulto idoso. Escritório médico do família nº 15, Jesús Menéndez, Cuba, 2018	Penã <i>et al.</i> , 2019.	Foi realizado um estudo quantitativo, descritivo.	A dor osteomioarticular é a principal condição pela qual 66,2% consomem medicamentos sem prescrição médica. 100% dos idosos consomem medicamentos do tipo AINE sem prescrição médica, para aliviar as dores que apresentam. O sexo feminino tem maior incidência, representado por 53,6%.
7-	Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE	Secoli <i>et al.</i> , 2019.	Estudo de base populacional, cujos dados foram obtidos do Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE).	Observou-se redução da automedicação de 42,3% em 2006 para 18,2% em 2010. Em ambos os períodos, as classes terapêuticas predominantes foram as dos medicamentos com ação no sistema nervoso (27,9% em 2006 e 29,6% em 2010) e trato alimentar e metabolismo (25,5% em 2006 e 35,9% em 2010). Entre os medicamentos mais usados nos anos de 2006 e 2010 estão os analgésicos/anti-inflamatórios e vitaminas. Houve tendência a declínio da utilização de medicamentos potencialmente inapropriados entre 2006 (26,4%) e 2010 (18,1%). O idoso foi o principal responsável pela indicação da automedicação em 2006 (65,2%) e 2010 (66,5%).
8-	Automedicação por idosos usuários de plano de saúde suplementar	Muniz <i>et al.</i> , 2019.	Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa, no qual foram entrevistados 239 idosos usuários de plano de saúde suplementar, utilizando-se um	Observou-se que 53,9% (125) dos entrevistados realizaram automedicação. Os homens e os idosos que vivem sozinhos tendem a fazer uso de automedicação em maior proporção. Os medicamentos mais utilizados dessa forma são a dipirona sódica, sozinha 15,8% (21), seguida de associação 24,8% (33), seguida do paracetamol 10,5% (14), dos fitoterápicos 9% (12), vitaminas

		questionário previamente estruturado.	6,8% (9) e nimesulida, utilizada por 6% dos idosos.
--	--	---------------------------------------	---

5 DISCUSSÃO

A automedicação, como já disposto, continua a ser um problema global comum, que se estende para além das nações subdesenvolvidas e em desenvolvimento. Como apresentado no estudo de Gusmão *et al.* (2019), em que se constatou que 92,4% dos idosos recorreram a essa prática do uso de AINES em Montes Claros, na Grécia, sem receita médica. Ainda, Barros *et al.* (2020), ao realizarem uma pesquisa em 2016, observaram que 78,4% dos portadores de dores crônicas fazem uso de medicamentos analgésicos sem o consentimento de um profissional da saúde. Os medicamentos mais utilizados no tratamento analgésico por esses indivíduos são os anti-inflamatórios não estereoides (AINES) (Vlahovic-Palcevski *et al.*, 2002; Barros *et al.*, 2020).

Corroborando com esses estudos, Secoli *et al.* (2019) também mostram, em sua pesquisa realizada em 2006 a 2010, que foi visto que, dentre os medicamentos utilizados pelos idosos, uma média de 65% dos selecionados se automedica. Nesse sentido, Pizzol *et al.* (2019), ao analisarem o uso de analgésicos na população brasileira por meio de um estudo transversal de base populacional, concluíram que um em cada cinco brasileiros utilizou algum analgésico, especialmente analgésicos não opioides, para tratar problemas agudos de saúde, como condições dolorosas. Para tanto, é notável o quão importante é realizar campanhas de conscientização para os idosos e familiares, pois se trata de uma prática comum, podendo trazer diversos malefícios na saúde do indivíduo, principalmente se estiver associado a mais de um medicamento (Pizzol *et al.*, 2019; Secoli *et al.*, 2019; Barros *et al.*, 2020).

De acordo com Dóia Filho, Nobre e De Sousa (2022), devido às alterações fisiológicas específicas do envelhecimento, os riscos de efeitos adversos são mais elevados, podendo levar ao aumento de doenças crônicas, intoxicações, reações alérgicas, dores abdominais sangramento gastrointestinal, úlceras gástricas, dentre outros. Um outro estudo realizado por Peña *et al.* (2020) mostra que o uso de

medicamentos inadequados por idosos são recorrentes, principalmente devido a dores no sistema osteomioarticular em 66,2% dos casos, e, logo em seguida, vem a cefaleia, com 44,4%. Além disso, ao realizar uma pesquisa mencionada em seu estudo, 100% dos entrevistados fazem uso dos AINES. Abdu *et al.* (2020) também realizaram uma entrevista em pacientes idosos com 60 anos ou mais, que faziam uso de um ou mais AINES em 2018, sendo que dos 285 idosos entrevistados, 66,7% dos mesmos tinham doenças crônicas, 59,3% apresentavam histórico de uso de AINES, os principais AINES utilizados foram a aspirina, ibuprofeno e diclofenaco de sódio.

Para tanto, os estudos de Dóia Filho, Nobre e De Sousa (2022), Peña *et al.* (2020) e Abdu *et al.* (2020) corroboram com a pesquisa de Krasniqi *et al.* (2024), na qual investigam, por meio de um estudo transversal, a automedicação excessiva com AINES. Foi possível concluir que a crescente taxa de automedicação está relacionada também a problemas no sistema de saúde, como a falta de conscientização dos pacientes, incentivos financeiros insuficientes, foco no lucro das farmácias e uma aplicação da lei leniente. Para melhorar, é necessário adotar padrões profissionais mais rigorosos, melhorar a educação dos pacientes, aumentar a participação dos medicamentos e aprimorar o compartilhamento de dados pelas agências regulatórias, promovendo uma supervisão mais eficaz (Dóia Filho *et al.*, 2022; Peña *et al.*, 2020; Abdu *et al.*, 2020; Krasniqi *et al.*, 2024).

Complementando os estudos acima, Muniz *et al.* (2019) entrevistaram 239 idosos, sendo que 53,9% realizaram automedicação, tendo uma maior prevalência no sexo feminino. Também mostra que a nimesulida e o diclofenaco foram os mais utilizados na classe dos AINES, principalmente por pacientes com pressão alta, associando com os medicamentos da pressão, e, sendo assim, trazendo efeitos adversos mais potentes. Para Ramires *et al.* (2022), o sexo feminino, muitas vezes, está mais associado à cefaleia e dores crônicas e, com isso, chega a tomar medicamentos por conta própria, até mesmo por questões ginecológicas, na tentativa de aliviar sintomas agudos. Quando se fala em AINES para pacientes hipertensos, Andrade, Andrade e Silva (2022) relatam que o aumento da pressão arterial ocorre devido à inibição da enzima COX, na qual gera síntese de PGs sistêmica e renal, dessa forma, além de serem capazes de antagonizar o tratamento anti-hipertensivo,

tanto completo quanto parcial, os AINEs também podem não ter efeito sobre a pressão arterial, chegando a gerar até mesmo crises hipertensivas.

Além disso, de acordo com a revisão sistemática realizada por Ferreira *et al.* (2021), a prática da automedicação no Brasil tem impactos significativos a qual é considerável ressaltar que a população idosa brasileira, com mais de 60 anos, busca uma melhor qualidade de vida, o que tem levado ao aumento da automedicação. Muitos idosos utilizam medicamentos sem orientação profissional entre sete e quinze dias. Alguns dos principais motivos para essa prática incluem dores musculares, articulares, gripes, resfriados, azia, cólica abdominal, diarreia e problemas gastrointestinais.

Com isso, Silvestre *et al.* (2019) destacam em seu estudo que é fundamental que a família preste um apoio afetivo para os idosos, pois os idosos que vivem sozinhos tendem a ficar mais expostos aos fatores de riscos, procurando menos os serviços de prevenção à saúde quando comparado àqueles que vivem com seus familiares. Sendo assim, é visto a necessidade se adotar medidas de fiscalização mais rigorosas para controle na automedicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apurou-se, de forma geral, por meio desses artigos, que os grupos de medicamentos mais utilizados na automedicação respondem por mais de 50% de todos os casos. A automedicação de anti-inflamatórios com efeito analgésico é praticada por portadores de dor crônica, sendo considerado um percentual alto para a devida prática, cujos indivíduos que buscam os benefícios desses medicamentos desconhecem ou, muitas vezes, ignoram seus efeitos colaterais e as consequências do uso irregular. E, como principais efeitos adversos dos AINES, podem ser citados: hemorragia digestiva, doença renal crônica ototoxicidade e lesão hepática. Tendo em vista tais problemas adquiridos com a automedicação, é necessária uma maior supervisão governamental para um rigoroso controle, a fim de evitar tais dilemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDU, Nuru *et al.* Non-Steroidal Anti-Inflammatory Drugs (NSAIDs): Usage and co-prescription with other potentially interacting drugs in elderly: A cross-sectional study. **PLoS one**, v. 15, n. 10, p. e0238868, 2020.

ANDRADE, Gabriela Barreto; ANDRADE, Tamires Barreto; DA SILVA, Jucelia Nunes. Uso indiscriminado de anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) por pacientes hipertensos. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 13, n. 1, p. 59-76, 2022.

BARROS, Guilherme Antonio Moreira de *et al.* The use of analgesics and risk of self-medication in an urban population sample: cross-sectional study. **Revista brasileira de anesthesiologia**, v. 69, p. 529-536, 2020.

DE OLIVEIRA JUNIOR, Alex Carioca; UHLMANN, Lidiane Andressa Cavalcante. Riscos do uso indiscriminado de AINES em idosos. **Revista Pubsáude**, v. 6, p. 154, 2021.

DÓIA FILHO, Ranieri Leite; NOBRE, Michelangela Suelleny de Caldas; DE SOUSA, Milena Nunes Alves. Fatores de risco associados à automedicação pelo uso de anti-inflamatórios em idosos. **Revista Contemporânea**, v. 2, n. 3, p. 836-854, 2022.

FERREIRA F. C. G. *et al.* O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 3, p. 1505-1518, 2021.

GUEDES, Priscila Rodrigues Antonio; CARVALHO, Fabiano Lacerda; DE ANDRADE, Leonardo Guimarães. ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO NA AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS QUANTO AO USO IRRACIONAL DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDES. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 5, p. 3699-3714, 2023.

GUSMÃO, Ezequiel Cássio *et al.* Automedicação em idosos e fatores associados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 2, p. e191-e191, 2019.

KRASNIQI, G. *et al.* Excessive Self-Medication with Prescription NSAIDs: A Cross-Sectional Study in Kosovo. **Pharmacy (Basel)**, v. 12, n. 3, p. 1-12, 2024.

LIMA, Tiago Aparecido Maschio de *et al.* Análise de potenciais interações medicamentosas e reações adversas a anti-inflamatórios não esteroides em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, p. 533-544, 2016.

MUNIZ, Elaine Cristina Salzedas *et al.* Automedicação por idosos usuários de plano de saúde suplementar. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 23-37, 2019.

OLIVEIRA, Glenda Pereira Lima *et al.* Análise do perfil medicamentoso e de fatores associados à polifarmácia em pessoas idosas assistidas por uma Unidade de Saúde em Vitória-ES. **Revista Colombiana de Ciencias Químico-Farmacéuticas**, v. 51, n. 2, p. 1009-1028, 2022.

PEÑA, Youdesley Ávila *et al.* Automedicación en el adulto mayor. Consultorio médico de la familia# 15, Jesús Menéndez, Cuba. 2018. **Más Vita**, v. 2, n. 2, p. 60-67, 2020.

PIZZOL, T. S. D. *et al.* Analgesic use among the Brazilian population: Results from the National Survey on Access, Use and Promotion of Rational Use of Medicines (PNAUM). **PLoS One**, v. 14, n. 3, p. 1-8, 2019.

SALES, Karine Helena; LACERDA, Leandro Heleno Guimarães. A utilização de anti-Inflamatórios não esteroides (Aines) por idosos clientes de duas drogarias privadas de municípios de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017.

SANCHEZ, Laura Isabela Barroso *et al.* Avaliação sobre o uso irracional de antiinflamatório não esteroidais (aines) em idosos no brasil: Uma revisão de literatura Evaluation of the irrational use of nonsteroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs) in the elderly in Brazil: A literature review. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 11, p. 103478-103489, 2021.

SECOLI, Silvia Regina *et al.* Self-medication practice trend among the Brazilian elderly between 2006 and 2010: SABE Study. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, p. e180007, 2019.

SILVESTRE, Suelaine Druzian *et al.* Prescrição de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos: comparação entre prestadores de serviços em saúde. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 22, p. e180184, 2019.